

INTERCOM/2006 - XXIX CONGRESSO BRASILEIRO
UnB – Brasília (DF) - Setembro/2006

A Copa do Mundo é Sempre Nossa - A Desvalorização do Elemento Estrangeiro e a Afirmação da Brasilidade Por Meio dos Cronistas de Futebol¹

Prof. Dr. José Carlos Marques²
(Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Resumo

Mesmo após o fim do Período Colonial, o Brasil permaneceu refém das influências estrangeiras por força das imigrações do século XX e da constante dependência de mercados externos. Considerada uma nação “periférica” no que diz respeito a desenvolvimento social e econômico, o Brasil parece reencontrar sua auto-estima por meio do futebol, esporte em que mantém supremacia mundial. Este trabalho, a partir da análise de textos de cronistas brasileiros publicados nas últimas Copas do Mundo, procura mostrar como a imprensa nacional reforça a noção de brasilidade em detrimento do elemento estrangeiro.

Palavras-chave: *Identidades nacionais; jornalismo; futebol; Copa do Mundo; cronistas.*

Comunicação a ser apresentada no NP18 Comunicação e Esporte
(Coord.: Prof. Vera Camargo)

¹ Trabalho apresentado ao NP 18 – *Comunicação e Esporte*, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Doutor em Ciências da Linguagem pela ECA/USP e docente dos cursos de Jornalismo e Publicidade da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Foi redator do site esportivo www.pele.net e atualmente é colunista do site www.trivela.com. É também autor do livro *O futebol em Nelson Rodrigues* (São Paulo, Educ, 2000).

O jornalista e dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues (1912-1980), a partir da década de 1940 e até o ano de sua morte, escreveu crônicas diárias sobre futebol para diversos jornais do Rio de Janeiro. Polêmico e provocador em sua época, Nelson ascendeu à categoria de “gênio” da imprensa esportiva brasileira apenas na década de 1990, quando sua obra passou a ser revista a partir de novos pressupostos teóricos. Um dos conceitos mais originais elaborados pelo autor é o que ficou conhecido como o “complexo de vira-latas”: a inferioridade atávica em que o brasileiro sempre se colocava, voluntariamente, diante do resto do mundo. Esse sentimento manifestava-se em todos os setores e, sobretudo, no futebol, algo cristalizado com a perda para o Uruguai da Copa de 1950, disputada no próprio Brasil.

Esse “complexo de vira-latas” explicaria o servilismo colonial do brasileiro, que “adora ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo.” (RODRIGUES, 1993: 30). Nelson enxergava esse narcisismo às avessas como algo cíclico, que se manifestava a cada derrota. A superação desse complexo, logicamente, só podia ocorrer nas vitórias, quando o ufanismo nacional desabrochava. Nelson sempre procurou estimular a “hiperbolização” das comemorações de vitórias e conquistas: “Eu acredito no brasileiro. (...) – sou de um patriotismo inatural e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo.” (*Id., ib.*, p 52);

O futebol brasileiro, a partir de um paradigma fortalecido por Nelson Rodrigues, tem sido um dos maiores agentes de superação de nosso “complexo de vira-latas” e de valorização da “alma nacional”, em que pesem todos os estereótipos (positivos e negativos) envolvidos nesse processo de reconstrução histórica de nossa identidade. Em épocas de Copas do Mundo – principal evento esportivo do planeta –, a imprensa brasileira sempre deu grande destaque à cobertura da participação da Seleção Brasileira. Coincidentemente, os últimos três Mundiais tiveram a participação do Brasil na decisão do torneio: em 1994, na Copa dos EUA, o país sagrou-se campeão diante da Itália; em 1998, na Copa da França, perdeu a final para a seleção anfitriã; e em 2002, na Copa do Japão e da Coreia do Sul, venceu novamente o torneio diante da Alemanha. A vitória do “escrete canarinho” em três dessas Copas do Mundo reacendeu no país o sentimento de superioridade absoluta no futebol, recompondo uma “brasilidade” adormecida há décadas.

A fim de dar conta da grandiosidade desses eventos, um dos recursos utilizados pelos principais jornais brasileiros para acirrar a concorrência foi o recrutamento cada vez maior de escritores e cronistas bem conhecidos do grande público para escrever sobre a participação do

Brasil nas Copas do Mundo de futebol. Essas “celebridades”, responsáveis pela manifestação de opiniões e análises pessoais, surgem exatamente para contrabalançar as coberturas que pretendem mascarar o sujeito (e que se querem aparentemente cada vez mais objetivas e isentas). E mais: o trabalho desses profissionais tem como princípio quebrar a linearidade do discurso midiático, por meio do riso, da metalinguagem, da intertextualidade etc.. Neste trabalho, proponho a leitura de alguns cronistas brasileiros que publicaram seus textos nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* (ambos da cidade de São Paulo) e *O Globo* e *Jornal do Brasil* (ambos da cidade do Rio de Janeiro) nas Copas do Mundo de 1994, 1998 e 2002. O objetivo é mostrar: 1) como se constrói a “brasilidade” por meio do futebol; e 2) como se desvaloriza o elemento estrangeiro por meio de posturas “politicamente incorretas”.

Esse projeto de uma nova “brasilidade” insere-se ainda dentro de uma tradição historiográfica da América Latina, em que se destacam alguns pensadores que procuraram entender no s-o continente a partir de conceitos relacionados ao neobarroco e à mestiçagem racial/cultural (casos dos cubanos Lezama Lima e Severo Sarduy, dos brasileiros Haroldo de Campos, Sérgio Buarque de Holanda e Darcy Ribeiro, entre outros). Essas marcas “barrocas” representariam um modo de vida peculiar, expresso na arquitetura, na música, nas festas populares e em regras de convivência. É como se nossa civilização, por meio de um movimento antropofágico, tivesse assimilado e transformado valores ocidentais, criando novas sínteses.

A COPA DE 1994 E O ANTIAMERICANISMO

No caso da Copa de 1994, a maioria dos cronistas aponta para a afirmação de certos valores brasileiros, em detrimento do país anfitrião da Copa. Para reafirmar a velha máxima do “jeitinho brasileiro” (leia-se a habilidade de driblar as normas vigentes), Mario Prata transcreve (ou recria) o diálogo entre dois torcedores brasileiros que, instalados na área de não fumantes num hotel americano, desejavam fumar em seus quartos. O problema foi de fácil execução:

-E o negócio do quarto, Alexandre? Como é que você resolveu o problema de não poder fumar no quarto?

-Simples, Rodrigo, simples. Tirei a pilha do alarme.³

Ao lado da negação das estruturas normativas, outro dado comum nos cronistas da Copa de 1994 (outro “enunciado relativamente estável”, para ficarmos numa terminologia bakhtiniana)

³ Mario Prata, *O Estado de S. Paulo*, 26/06/94.

é a negação dos valores norte-americanos, tanto nos aspectos ligados ao evento em si (organização da Copa, qualidade da seleção dos EUA), como nos aspectos relacionados ao *american way of life*, conforme atestam as crônicas de Verissimo, a seguir:

*É bom ser americano. Você ganha em dólar, não tem nenhuma dificuldade para dizer “th” em inglês e, o melhor de tudo, nunca precisa crescer. Ao contrário do que aconteceu com outros povos, não existe qualquer pressão para o americano se tornar adulto. (...) Os americanos só se tornam crianças mais espessas. Tudo o que há de melhor e de pior neste país se deve a esta permanente infantilidade, a este bendito pouco caso com parecer ou não parecer bobo.*⁴

*De qualquer jeito, os ingressos para o jogo de estréia do Brasil não foram distribuídos às sete. Só a partir da uma. Entre as reputações que certamente não sairão intactas desta Copa está a da eficiência americana.*⁵

No primeiro exemplo, Verissimo parece evocar o conceito de “puerilismo” que Johan Huizinga verifica nas sociedades modernas, e o recoloca na sociedade americana por força de sua “permanente infantilidade”. Para o crítico holandês, esse “puerilismo” do homem adulto acentuou-se depois que o elemento lúdico das culturas arcaicas entrou em decadência: *‘Tudo se passa como se a mentalidade e o comportamento do adolescente tivessem passado a dominar certas áreas da vida civilizada que outrora pertenciam aos adultos responsáveis’* (HUIZINGA, 1996: 228). No segundo exemplo, Verissimo pontua sua crítica para o atraso de seis horas na entrega dos ingressos para o jogo Brasil x Rússia, colocando em risco a “reputação” da eficiência americana, conceito que sempre se opôs ao da ineficiência atávica e burocrática da sociedade brasileira – oposição estabelecida, naturalmente, segundo certa visão que procura enaltecer modelos estrangeiros e diminuir as culturas periféricas, referidas como pertencentes ao “3º mundo”.

João Ubaldo não fica atrás em seu processo de desconstrução da organização do evento, ao criticar o aparato tecnológico desmesurado que se vê nos EUA e o tratamento despersonalizado que recebe da organização da Copa,

*O primeiro dia começa com o credenciamento. Os americanos montaram um centro de atendimento semelhante a um mafuá, embora todo cheio de geringonças eletrônicas. (...) A credencial é um cartão plastificado que, enfatizam eles, deve ser usado o tempo todo e lá vamos nós como vacas de exposição, com aquele treco pendurado ao pescoço.*⁶

e prossegue de maneira contundente a manifestação do aprisionamento de que se sente vítima, por estar alojado em hotéis espalhados na imensidão do deserto texano, por ter que conviver nu-

⁴ Luis Fernando Verissimo, *idem*, 05/07/94.

⁵ *Id.*, *ib.*, 18/06/94.

⁶ João Ubaldo Ribeiro, *O Globo*, 17/06/94.

ma sociedade em que o automóvel é elemento primordial para o deslocamento das pessoas, e por ironizar a monotonia e o tédio vividos no interior americano:

*Fico imaginando o que a maioria dos brasileiros pensa que estamos vivendo. Cidades febricitantes, lojas a torto e a direito, gente por todos os lados, como vemos nos filmes rodados em Nova York. Não é nada disso. Estamos segregados em penitenciárias luxuosas e tudo fica pelo menos a cinco minutos de carro, mas geralmente à meia hora.*⁷

*Zózimo e eu circulamos um pouco, escapamos milagrosamente de ser atropelados por um bonde, desistimos, declaramos ardentes saudades do Rio de Janeiro e da Bahia. Ou mesmo de Rondônia, que deve ser bastante mais interessante.*⁸

Essa espécie de “antropofagia” cultural do brasileiro remonta ao conceito elaborado por nossos modernistas no início do século XX. Trata-se de uma recusa ao racionalismo e historicismo estrangeiros, como forma de transformação dos valores ocidentais e de criação de novas sínteses. Até quando procura um pedaço de madeira no quarto do hotel para pôr em prática uma “simpatia” tipicamente brasileira (a de “isolar” algum pensamento negativo com o toque num elemento da natureza), Verissimo recorre ao recurso das funções fática e conativa (cf. JAKOBSON: 1969) para depreciar o componente americano: *O Brasil pode perder domingo (alguém aí bata na madeira, acho que neste quarto de hotel é tudo imitação)*⁹

Caminhando lado a lado com a destruição do país anfitrião, outro processo muito comum na escrita dos cronistas brasileiros é o de menosprezar os adversários da seleção brasileira. A todo instante, jogadores oponentes são caricaturados e retratados como que pertencentes às “forças do mal”, como no divertido trecho de João Ubaldo que se segue:

*Baggio é mesmo um dos maiores jogadores do mundo? Em matéria capilar, talvez, embora seu garboso rabo-de-cavalo não se compare a outras armações hirsutas, como a de um jogador americano de cujo nome não me lembro, que se assemelha a um bode ruivo, além de outros que usavam sisal em lugar de cabelo.*¹⁰

Aqui, a primeira referência irônica é feita ao principal jogador italiano daquela Copa, o meia Roberto Baggio, que usava o longo cabelo amarrado na forma popularmente conhecida como “rabo-de-cavalo”. A ironia do texto (uso dos adjetivos garboso e armações hirsutas) transfere-se do italiano para o americano Lalas (o “bode ruivo”, assim chamado por usar um cava-nhaque vermelho) e alguns jogadores suecos e holandeses (os do “sisal”, por usarem cabelos

⁷ *Id., ib.*, 07/07/94.

⁸ *Id., ib.*, 17/06/94.

⁹ Luis Fernando Verissimo, *Jornal do Brasil*, 15/07/94.

¹⁰ João Ubaldo Ribeiro, *O Globo*, 20/06/94.

trançados no estilo rastafári). E a seqüência se intensifica pelo fato de os últimos atletas nem serem nomeados no texto, de forma a acentuar a insignificância deles. Outro exemplo de demolição do adversário está na caracterização que João Ubaldo faz da seleção americana:

*No time americano, o técnico é sérvio, 15 jogadores são filhos de imigrantes originários de países onde se joga futebol e os outros são estrangeiros naturalizados, nascidos no Uruguai, El Salvador, Holanda, Alemanha e África do Sul. Talvez o nome certo devesse ser Nações Unidas, em vez de Estados Unidos.*¹¹

Assim, a destruição do oponente, do elemento exógeno na disputa, serve para corroborar a afirmação do talento próprio do brasileiro, dentro de uma lógica de afirmação da cultura analógica que se sobrepõe aos elementos digitais. A América do Sul, no geral, e o Brasil, em particular, negariam a imposição das dicotomias e oposições binárias do mundo dominante (eurocêntrico e norte-americano) a partir da valorização de práticas oriundas da mestiçagem, da turbulência cultural, da diversidade rítmica e da antropofagia – o que se expressa, por vezes, de maneira simplista, na imagem do jeitinho brasileiro. (cf. PINHEIRO, 1992: 16).

Desnecessário dizer que esse embate entre futebol força (dos europeus) e o futebol arte (dos latino-americanos – brasileiros e argentinos, em especial), ocupa largamente o discurso esportivo da imprensa nacional, o que se acentua evidentemente por ocasião das disputas das Copas do Mundo. O ensaísta José Miguel Wisnik, em texto assinado para a *Folha de S. Paulo* durante a realização do Mundial da França, em 1998, resume em termos lapidares o contraponto que, há décadas, vem pautando as discussões esportivas na imprensa brasileira:

Não muito tempo depois da Copa de 70 Pasolini escreveu um artigo no qual interpretava o futebol por meio da literatura: um “discurso” dramático, que podia ser jogado em prosa realista, como a dos alemães e ingleses, em prosa algo estetizante, como a dos próprios italianos, e em poesia, como a dos brasileiros. Futebol em prosa significava, para ele, jogo coletivamente articulado, buscando o resultado por meio de uma sucessão linear e determinada de passes triangulados e geométricos. Futebol poético suporia dribles e toques de efeito, gratuitos e eficazes, quando capazes de criar espaços inesperados. Tudo convergindo para o delírio do gol, onde, afinal, prosa e poesia se encontram.

*Desde então, o futebol brasileiro viveu o conflito interior entre a poesia e a prosa, a gratuidade e a eficácia, como se sucumbisse sempre ao dilema paradoxal de ser, afinal, melhor e pior do que ele mesmo. A seleção de Parreira, em 94, acabou sendo uma solução híbrida, um centauro defensivo e prosaico dotado de um aríete genial e poético chamado Romário. Solução desreescalante, porém enfim vitoriosa, mas também frustrante para o verdadeiro desejo brasileiro, que é o do desperdício barroco, da gratuidade e do gozo.*¹²

¹¹ *Id., ib.*, 18/06/94.

¹² “Procura da poesia”, *Folha de S. Paulo*, 07/07/1998.

A valorização dos aspectos lúdicos representa, em última instância, a valorização do “logus” barroco, anunciado e projetado por Wisnik sobre a figura do jogador Romário, que resumiria a imagem da poesia e genialidade do jogo. O que também é visto por Nelson Motta como diferencial da equipe brasileira em 1994:

*Romário, individualista, anárquico, que se não tivesse se tornado o craque genial que é talvez fosse apenas mais um marginal talentoso, um malandro iluminado. É ele que expressa melhor essa característica nacional de gostar tanto ou mais da exibição do que da competição. É tão brasileiro isto...*¹³

A repetição do desperdício e o esforço sem funcionalidade definem assim a faísca barroca que se compraz no jogo brasileiro, num contraste claro com a lógica clássica e calvinista, que valoriza o trabalho como forma de redenção do homem. João Ubaldo, por exemplo, inveja o goleiro Taffarel, pelo fato de o jogador não ter precisado esforçar-se muito nos dois primeiros jogos da Copa: *“Taffarel, que, aliás, está na vida que pedi a Deus – ou seja, sem trabalhar, não teve preocupação.”*¹⁴ Daí que também se verifica uma preocupação em sublimar o espaço barroco do jogo brasileiro como espaço da festa, da dança e do erotismo, ilustrado na imagem da torcida brasileira no exterior. Em função de não apresentar uma expressão linear, o barroco presentifica-se assim como espaço da carnavalização e da mestiçagem. A valorização dos aspectos lúdicos que construíram a magia do *logus* mítico do futebol brasileiro não pára por aqui. Ainda insistindo na oposição entre a força do futebol europeu e a “malemolência” das equipes mais habilidosas no trato da bola, Verissimo estabelece duas categorias originais de equipes:

*“Que grandes son esos noruegos!”, comentou o locutor da Univision, a cadeia de TV para “hispanicos” que está transmitindo todos os jogos da Copa, quando a Noruega entrou em campo. A Noruega ganhou do México literalmente aos trancos e barrancos e, pelo menos nesse primeiro jogo, só mostrou tamanho. Mas “noruegos” pode muito bem ser o nome genérico de uma das duas categorias que se enfrentam nesta Copa. Como se chamaria a outra? “Latinos”, excluía gente demais. “Meridionais”, deixaria de fora mexicanos, coreanos e norte-africanos. “Morenos”, também não serve, discriminaria ao mesmo tempo o Taffarel e os mulatos da Suécia e da Holanda. “Pequenos”, também não: os longilíneos nigerianos são do tamanho dos noruegueses. Vamos chamar os outros de “los otros”. Esta Copa é entre “los noruegos” e “los otros”.*¹⁵

A COPA DE 1998 E A SUPERIORIDADE BRASILEIRA

A par da presença do riso e de suas variantes (como o humor e a ironia), outra marca dos cronistas brasileiros é a de mostrar invariavelmente sua parcialidade de maneira explícita, assumindo o tempo todo que, apesar de terem sido convocados para uma tarefa profissional, o lado

¹³ Nelson Motta, *O Globo*, 06/07/94.

¹⁴ João Ubaldo Ribeiro, *O Globo*, 26/06/94.

¹⁵ Luis Fernando Verissimo, *Jornal do Brasil*, 23/06/94.

torcedor precisa quase sempre ser manifestado. O grau de cumplicidade que se cria na relação com o leitor investe exatamente na necessidade dessa aproximação entre cronista e seleção brasileira. Prevaecem assim os enunciados passionais nas referências aos adversários do Brasil, o que faz prevalecer o uso da função emotiva e novamente do riso em contraponto ao discurso jornalístico referencial. Vejamos dois exemplos, que procuram destruir o oponente do Brasil (a Escócia) antes mesmo de iniciada a Copa de 1998:

De minha parte, jamais ouvirei outra vez qualquer música de Paul McCartney e também proponho que nenhum grupo de teatro brasileiro volte a representar a peça Macbeth. O protesto inclui também o não-pagamento das mensalidades por parte dos alunos do Mackenzie, o boicote aos produtos Macintosh e jamais dançar a MacArena, que nasceu na região de Glasgow. Além disso, não verei mais filmes com Steve MacQueen e deixarei para sempre de comer a comida típica escocesa, o macarrão, que muitos pensam ter nascido na Itália ou na China, mas que, na verdade, foi inventado por William MacArrow no início do século 13.¹⁶

Mas vamos voltar às saias. Noventa por cento dos 20 mil (cálculo meu) escoceses que caíram aqui usavam saia. E todas iguais. Ou seja, de pura lã e xadrezinha, lembrando as colegiais do Des Oiseaux, aquele antigo colégio de São Paulo. Nisso eles também não são criativos. Nenhuma saia lisa, nada. Todas xadrezinhas, com pregas. Andam em bando, verdadeiras hordas, aqui por Paris, ostentando aquelas pernas brancas, peludas, varicocéfalas. Um horror! Na fila do banheiro do estádio, vários deles à minha frente. A vontade de entrar junto era enorme, quase irresistível. Será que eles se sentam para... Sim, não estou maluco, pois deve ser uma dificuldade fazer a necessidade de pé, levantando a saia com uma das mãos e, com a outra mão, segurando o copo ou a garrafa.¹⁷

No trecho de Torero, a demolição do adversário se dá por meio da hipérbole das imagens e pela inverossimilhança do relato, já que o autor, ao instituir o prefixo Mac (ou Mc) como desinente de qualquer elemento ligado à cultura escocesa, insere no período dois elementos que só servem para caricaturar a própria paródia que ele cria. A referência ao macarrão (de origem chinesa) e à música *Macarena* (de origem espanhola) ganham força na frase justamente a partir do momento em que são grafados “à escocesa”, como MacArrow e MacArena. Essa auto-paródia, na verdade, investe contra o próprio adversário que se quer combater, ou seja, a equipe contra a qual o Brasil faz o primeiro jogo da competição. Já no texto de Mario Prata, a desconstrução do torcedor escocês é mais imediata e direta, seja pela identidade em torno deles (“E todas iguais”, “nisso eles também não são criativos” “andam em bandos”), seja pelo estereótipo recriado do beberrão (“com a outra mão, segurando o copo ou a garrafa”), seja pela aparência física que destoava do mito brasileiro da mestiçagem de raças e culturas (“pernas brancas, peludas, varicocéfalas. Um horror!”) – ri-se, portanto, daquilo que não se reconhece em si (PROPP: 1992).

¹⁶ José Roberto Torero, *Folha de S. Paulo*, 09/06/98.

¹⁷ Mario Prata, *O Estado de S. Paulo*, 13/07/98.

Já a discussão que Mario Prata anuncia em sua crônica é bastante pertinente se verificarmos como a idéia de identidade, aplicada de maneira tão confortável nesse caso à torcida escocesa, sempre esbarra em obstáculos quando se tenta aplicá-la ao caso brasileiro. Há um sentimento múltiplo e dinâmico que procura explicar a gama variada de matizes da cultura latina, e muitos procuram relativizar o conceito de “identidade” quando ele é aplicado ao Brasil:

*Não me parece que a idéia de ‘identidade’ dê conta dos modos de manifestação cultural no Brasil, se pensarmos que ‘identidade’ é um termo que tem por núcleo a permanência do mesmo, aquilo que se reconhece por continuar igual. Prefiro pensar em ‘singularidade’, que traz a marca do que é diferente, peculiar, sem carregar demais no peso ontológico da ‘identidade’, que privilegia mais o estável do que o improvável.*¹⁸

É por isso que Chico Buarque, ao fazer a leitura do futebol praticado pelos países “centrais” e “periféricos” (na oposição Ricos x Pobres), enxerga de maneira singular a escassez e a economia da lógica calvinista, de um lado, e a multiplicidade da festa e desperdício barroco, pelo outro. A oposição final, entre “Donos do campo x Donos da bola” representa de certo modo uma síntese bem acabada de análise sociológica sobre os modos de se jogar futebol pelo mundo:

ainda que esses times jogassem com uniformes embaralhados, penso que não seria difícil distinguir o país rico do país pobre. Os pobres são os folgados, os esbanjadores, os exibicionistas, matam a bola no peito, a bola gruda ali que nem uma goma e o locutor francês faz “ôôôôô, bien joué, magnifique!”. Ou, como diz o locutor brasileiro, eles têm intimidade com a bola. De fato controlam, protegem, escondem, carregam a bola para cima e para baixo, e em vez de intimidade, talvez tenham ciúmes dela.

*Já os ricos são alunos de outra escola, uma escola prática. Recebem a bola e um-dois, tocam, recebem, desprendem-se dela, não fazem questão dela, correm soltos por toda parte. Parecem conhecer e ocupar melhor o espaço de jogo, podendo se dizer que têm intimidade com o campo. Assim, quando se enfrentam países ricos e países pobres - na Holanda eles se enfrentam dentro do mesmo time - estão se enfrentando os donos do campo e os donos da bola.*¹⁹

De todo modo, apesar da negação do uso da identidade para se dar conta das particularidades brasileiras, não se pode esquecer que a aplicação de estereótipos sobre os adversários recicla mais uma vez uma “reatulização permanente das regras”, para citar um termo de Michel Foucault. Veríssimo, por exemplo, investe contra o goleiro paraguaio Chilavert fazendo uso de todo o arsenal possível de imagens “politicamente incorretas”, desnudando assim a isenção pregada pelo discurso da mídia impressa:

O Paraguai tem o melhor goleiro da Copa na opinião de muita gente, principalmente dele mesmo. Chilavert é uma figura folclórica porque ocupa aquele estreito terreno entre o ridículo e a grandeza que só se atinge com um total descompromisso com a realidade. Igual ao Paraguai, que

¹⁸ José Miguel Wisnik, “O Brasil tem algo importante a dizer”, *Jornal da Tarde*, 27/05/95, p. 8.

¹⁹ Chico Buarque, *O Estado de S. Paulo*, 21/06/98.

*tanto pode (é preciso dizer, além de toda esta literatura, que o Paraguai tem uma ótima defesa) ser o responsável por um dos maiores feitos do futebol e traumas nacionais do século se eliminar a França hoje, como voltar à sua improbabilidade como se nada tivesse acontecido. No Paraguai não existe o meio-termo. Se existir, é falsificado.*²⁰

Aqui, utiliza-se o subentendido para dizer que Chilavert é convencido e polêmico (“na opinião de muita gente, principalmente dele mesmo”) e retoma-se o estereótipo de que o Paraguai é o país da América Latina em que mais ocorre a falsificação de produtos industrializados – por isso a recorrente imagem, no texto, de termos que aludem à imprecisão ou à inconcretude das coisas (“estreito terreno entre o ridículo e a grandeza”, “um total descompromisso com a realidade”, “voltar à sua improbabilidade”, “No Paraguai não existe o meio-termo”).

Nesse jogo das alteridades entre diferentes indivíduos, de diferentes nações, o país anfitrião não poderia ficar de fora. Se em 1994, os norte-americanos foram ironizados à exaustão pelo seu desconhecimento do futebol, em 1998 os franceses serão acusados do pedantismo de desprezar o futebol ou de se dedicar a interpretá-lo com aparatos próprios do mundo acadêmico. Artur Xexéo é quem fornece um dos melhores exemplos da ironia que se debruça sobre as análises demasiadamente intelectualizadas sobre o jogo:

A Copa do Mundo para os jornais franceses é como o resto dos assuntos que ocupam as páginas da imprensa local: mais uma chance de se levar um bom papo-cabeça. Dê uma olhada no Le Monde de domingo. A principal notícia da Copa é a greve da Air France. E depois? Bem, depois tem um artigo de página inteira sobre a Copa de 38, também realizada aqui, em que a Itália foi a campeã. Nada de gráficos, tabelas, números... A Copa é só pretexto para discutir que alemães e italianos tinham de mostrar sua força numa Europa à beira da Segunda Guerra. Só na bibliografia, o autor do artigo se referiu a oito livros, entre eles coisas como A Copa do Mundo de Futebol, Espelho de um Século. Bibliografia? É isso mesmo. No Le Monde, artigos sobre a Copa do Mundo têm até bibliografia. Que tal?

*Tem mais? Tem. Mais duas páginas de análises de livros. Como no Brasil, as livrarias da França foram tomadas por publicações sobre o popular esporte bretão. Você deve estar imaginando uma leitura leve como a de Confissões de um Torcedor, de Nelson Motta. Nada disso. Olha só o que o repórter perguntou para Marc Perelman, um dos autores que entraram na onda: ‘Professor da Universidade Lille-1, o senhor acaba de publicar Stade Barbare, que denuncia a agressividade do espetáculo esportivo. Ainda mantém esta análise às vésperas do Mundial?’ Não sei o que o professor Marc respondeu. Mudei de página.*²¹

A ironia de Xexéo sobre a análise do futebol se estabelece em vários níveis, numa amostra do desprezo que muitos jornalistas revelam a respeito do mundo acadêmico – por isso o estranhamento de artigos sobre Copa com bibliografia e as frases que procuram menosprezar o discurso teórico (“mais uma chance de se levar um bom papo-cabeça”, “nada disso”, “Mudei de

²⁰ Luis Fernando Verissimo, *Jornal do Brasil*, 28/06/98.

²¹ Artur Xexéo, *Jornal do Brasil*, 09/06/98.

página”). Nelson Motta é referido aqui como paradigma de leitura “leve” e divertida, em oposição ao peso intelectualizado dos jornais franceses. É necessário, porém, que se faça uma ressalva a respeito da desconstrução do anfitrião da Copa: ao contrário do tédio, da desorganização e do desânimo experimentados nos Estados Unidos, em 1994, os cronistas presentes ao Mundial da França não se furtaram a elogiar os esforços de organização do país-sede, como vemos nos exemplos a seguir, de Cony e Verissimo:

*A França, que teve a responsabilidade de ser a anfitriã da festa (e diga-se que foi competente nessa organização), está com um placar exagerado para suas reais possibilidades.*²²

*Eles também mereceriam um prêmio pela boa organização da Copa, pelo menos do ponto de vista deste credenciado privilegiado. O esquema de segurança funcionou bem, sem os episódios de prepotência burra da copa americana.*²³

A COPA DE 2002 E O “INSUPERÁVEL” BRASIL

Outra unidade temática posta em discussão com grande ênfase pelos cronistas que acompanharam os últimos mundiais de futebol refere-se à festividade e à euforia da torcida brasileira diante das conquistas da seleção nacional. Em 2002, o título alcançado pelo “escrete canarinho” pôs em causa mais uma vez a atitude dos escritores e jornalistas que acabam aderindo ou rejeitando discursos próprios do torcedor – esse personagem que também ganha contornos especiais em épocas de Copa. Vejamos como exemplo o seguinte texto de Arthur Dapieve:

*Cinco vezes campeões do mundo. Mesmo os brasileiros que nunca sentiram a alegria infantil de “bater uma bolinha”, essa alegria que os melhores momentos da seleção na Ásia transmitiram para bilhões, como no segundo gol na Alemanha, até eles sentem-se, com razão, tão importantes quanto o capitão Cafu. O futebol do Brasil justifica nossa existência coletiva. Ele, aliás, continua estimulando os pobres do planeta, ao mostrar que o bem-nutrido Kahn pode sair catando cavaco diante de Ronaldo, Rivaldo e Kleberson. (Fico comovido ao pensar nas tradicionais comemorações em Bangladesh e no Haiti.)*²⁴

Além de celebrar a conquista brasileira e projetá-la para todo o mundo que se inclui no paradigma do que se convencionou chamar de “3º Mundo” (“Fico comovido ao pensar nas tradicionais comemorações em Bangladesh e no Haiti”), o jornalista reproduz aqui o sentimento de superioridade que o brasileiro sempre há de sentir no futebol, por jogar melhor e conquistar mais títulos do que os outros. Além disso, o sentimento de vitória que é proposto pelo cronista subentende um recurso metonímico, no qual se tem a idéia de que foi “a representação brasileira de

²² Carlos Heitor Cony, *Folha de S. Paulo*, 21/06/98.

²³ Luis Fernando Verissimo, *Jornal do Brasil*, 08/07/98.

²⁴ Arthur Dapieve, *O Globo*, 01/07/02.

futebol profissional” que venceu uma congênera de outro país. A questão pode ser melhor vislumbrada na análise empreendida por Simone Lahud Guedes:

(...) as seleções nacionais [transformam-se] nos próprios países que representam, enquanto os jogadores representam, por extensão, toda a nacionalidade. Assim, a freqüente utilização das categorias Brasil e brasileiros envolve, pelo menos, dois deslocamentos que tornam o significante futebol pleno de significados. Num deles, a seleção brasileira de futebol transforma-se no Brasil. Claro está que o epônimo refere-se simultaneamente ao país e ao time de futebol que o representa. Temos, assim, referentes diversos para o mesmo significante lingüístico, o que propicia um processo de reificação, tão naturalizado que é difícil que o percebamos. Por essa via, é também a abstração Brasil que vence, é derrotada, está confiante, está tranqüila etc. Transmuda-se, portanto, num sujeito. (GUEDES: 1998, 49)

Poderíamos assim vincular a preocupação dos cronistas brasileiros à necessidade de afirmação do espírito brasileiro ligado à festa e ao aspecto lúdico da disputa, numa recuperação do modo poético de se jogar futebol. Em 2002, os cronistas também não escaparam à adesão da festividade popular e se deixaram contagiar pela superioridade brasileira diante dos adversários. A exceção mais flagrante a essas celebrações exacerbadas ficou por conta do jornalista Daniel Piza, que também em sua coluna dominical publicada em *O Estado de S. Paulo* mantém uma seção intitulada “Por que não me ufano”:

Para o bem do futebol, e sem nenhum traço de ufanismo (do qual sou insuspeito mesmo), espero que o Brasil vença a Copa. Foi a única seleção que mostrou algum brilho e alguma consistência, pois as outras ou não mostraram nada disso ou mostraram apenas um dos dois atributos.²⁵

O mesmo Daniel Piza, diante desse universo repleto de simbolismos, procura propor um equilíbrio entre a tão decantada habilidade do jogador brasileiro e o sentido de aplicação tática que o senso comum rejeita, não só no esporte como em outras manifestações cotidianas:

Acho que os esportes em geral, o futebol em particular, fazem parte do mundo dos signos, das representações, das projeções do ser humano. O futebol não é "arte" no sentido de que produza em si mesmo uma reflexão sobre a natureza humana, mas tem muito a dizer sobre ela, não só pela atenção que atrai, mas também por suas características intrínsecas -- a fronteira ambígua entre erro e acerto, a riqueza de variáveis, a simples beleza plástica de um lance. Quanto ao Brasil, acho interessante que ele valorize diante do mundo o tal futebol-arte, criativo, imprevisível, ousado. E acho mais interessante ainda quando ele consegue provar que esses atributos são perfeitamente compatíveis com as exigências táticas e físicas do próprio esporte, ora ainda maiores. Ou seja, o futebol pode ser uma lente de aumento muito interessante para as principais questões culturais do Brasil. Pode mostrar que intuição e organização podem e devem coexistir.²⁶

Na maior parte dos cronistas, porém, predomina a afirmação da brasilidade e a exaltação do triunfo nacional. Vejamos alguns exemplos:

²⁵ Daniel Piza, *O Estado de S. Paulo*, 26/06/02.

²⁶ Daniel Piza, em entrevista concedida por e-mail em 29/01/03.

*Brasil pentacampeão. Imagino como está sendo a comemoração por aí. Há muito tempo não participo de uma comemoração de Copa do Mundo. Quando a seleção... duvido que outro país chame seu time assim: “a” seleção. Só isso. Não é a seleção brasileira, não é a nossa seleção, não é a seleção do Brasil. É “a” seleção. Se é “a” seleção, só pode ser a brasileira, ora. (...)Aquele gesto de erguer a taça ao povo simboliza o orgulho de ser brasileiro. Há muitos motivos para termos orgulho de ser brasileiro. O resto do mundo não percebe quase nenhum. Mas um motivo os outros países não podem ignorar: nós somos os melhores no futebol. Assim como a gente respeita a Suíça quando o assunto é relógio, respeita a França quando o assunto é vinho, respeita os Estados Unidos quando o assunto é guerra, todo o planeta nos respeita quando o assunto é futebol. Só quem acompanhou de perto uma Copa sabe que, nesta hora, o Brasil, é Primeiro Mundo.*²⁷

Você perguntará o que é pior em termos de desamparo, terror, incerteza sobre o que vai acontecer e sensação de catástrofe iminente: final de Copa do Mundo com o Brasil ou terremoto? Já tenho experiência suficiente para responder. Final de Copa é pior. (...)

*O Xexéo e eu voltávamos para Tóquio depois do jogo e tínhamos dúvidas sobre que trem pegar. Um garoto japonês se ofereceu para ajudar. Quando soube de onde éramos, começou a cantar o hino do Brasil. O Xexéo e eu maravilhados. O Brasil realmente conquistara a torcida japonesa. Os japoneses compartilhavam o nosso orgulho por aquele triunfo mais do que imaginávamos! Depois de algumas estrofes do “Ouviramdo” o garoto disse que sabia o hino nacional de 80 países. Se fôssemos alemães teria feito o mesmo. Mas nada nos desiludiria naquele momento. Estávamos cansados e com sono, mas estávamos, acima de tudo, penta.*²⁸

O escritor Milton Hatoum superlativiza também o triunfo brasileiro, ao mesmo tempo em que o contrapõe, de maneira original, a uma ausência que se dá no plano literário:

*Dizem que a Alemanha pode vangloriar-se por ter feito três boas traduções dos textos árabes de “As Mil e Uma Noites”. Nós, que infelizmente não temos nenhuma tradução do original, nos contentamos com outras magias. Foram os gênios brasileiros que, em carne e osso, saíram da garrafa na última noite da Copa no Oriente.*²⁹

A citação aos textos árabes de *As mil e uma noites* recoloca o futebol em outra esfera simbólica: a da ficção proporcionada pelo jogo da bola (“nos contentamos com outras magias”). É o que permite ao mesmo Hatoum enxergar no futebol brasileiro uma possibilidade de redenção das desigualdades sociais que o “verdeamarelismo” oficial dos anos 70 obliterava:

*O futebol é um dos pilares da nossa sabedoria popular. Ele depende do enorme talento individual, mas também do conjunto, da equipe, do entrosamento, da técnica, etc. Penso que o futebol, assim como o carnaval e a música popular, é cultura presente em toda a nação, pois junta todas as classes sociais diante de um espetáculo. É o maior elemento agregador da nossa sociedade. É curioso, porque historicamente é um esporte europeu, e nossa superioridade, além de ser latente, é aceita. Quer dizer, o Brasil aprendeu um esporte que nasceu no maior Império do século 19, e poucas décadas depois, nós o superamos. É um caso raro de ex-escravo que se torna Senhor, sem que este escravize ninguém. Se os milhões de pobres e excluídos desse País pudessem praticar esportes com dignidade, já seria um passo para o futuro.*³⁰

²⁷ Artur Xexéo, *O Globo*, 01/07/02.

²⁸ Luis Fernando Verissimo, *O Globo*, 01/07/02.

²⁹ Milton Hatoum, *Folha de S. Paulo*, 03/07/02.

³⁰ Milton Hatoum, em entrevista por e-mail, em 01/03/03.

CONCLUSÃO ³¹

Mesmo após o fim do Período Colonial, o Brasil permaneceu refém das influências estrangeiras por força das imigrações do século XX e da constante dependência de mercados externos. Considerada uma nação “periférica” no que diz respeito a desenvolvimento social e econômico, o Brasil, entretanto, parece reafirmar sua auto-estima por meio do futebol, esporte em que mantém supremacia mundial.

Os cronistas e escritores brasileiros aqui citados, ao testemunhar esse processo de construção simbólica proporcionada pelas Copas do Mundo, criam igualmente um sentimento de brasilidade que, por sua vez, desmonta e desvaloriza o elemento estrangeiro. Vemos, dessa maneira, como os cronistas não escondem sua parcialidade enquanto enunciadorees do jornalismo impresso e como assumem sem problemas suas preferências em prol da seleção brasileira. Não há “implicitude” em suas manifestações: tudo é declarado, o jogo é franco e aberto, numa dimensão que os folcloriza pela construção das imagens e hipérboles.

A exibição explícita de subjetividades faz com que o objetivo se curve diante da emotividade por meio de uma linguagem coloquial, ainda que ricamente trabalhada. Essa postura indica a recusa da neutralidade que a análise jornalística pretende impor aos leitores. A adesão dos cronistas à festa verde-e-amarela dá-se, assim, por meio de enunciados em que a emotividade comparece de forma incisiva. Isso permite, ainda, o aparecimento de juízos estereotipados sobre a cultura brasileira e as culturas estrangeiras que se querem combater, simbolicamente, por força das disputas futebolísticas. Os juízos sobre os adversários da seleção brasileira partem de conceitos considerados “politicamente incorretos”, em que a ironia e o riso acabam por superlativizar a superioridade nacional.

A desconstrução do elemento estrangeiro, de acordo com o ideal antropofágico dos modernistas brasileiros do início do século XX, concorre portanto para a afirmação de uma identidade brasileira que se fundamenta nos triunfos futebolísticos. E os cronistas brasileiros (esses “pensadores do cotidiano e da vida imediata”) vêm sendo os principais responsáveis por manter o futebol ao nível de leitores e torcedores, à medida que se ajustam à sensibilidade do cotidiano

³¹ A apresentação deste trabalho, por ocasião do evento da Intercom, será enriquecida com exemplos obtidos na cobertura da imprensa brasileira sobre a Copa do Mundo de 2006, na Alemanha.

por meio de uma linguagem própria do dia-a-dia – tudo isso a despeito dos estereótipos e preconceitos reproduzidos impunemente, mas que participam essencialmente da instauração do riso barroco entre a seriedade do discurso jornalístico.

BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

DA MATTA, Roberto. *et alii. Universo do futebol – esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*, 3ª ed., Lisboa, Veja Passagens, 1992.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol*. Niterói, Eduff, 1998.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. São Paulo, Perspectiva, 1996.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1969.

LIMA, Lezama. *A expressão americana*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

PINHEIRO, Amalio. *Aquém da identidade e da oposição*.

PROPP, Vladímir. *Comicidade e riso*. São Paulo, Ática, 1992.

REVISTA USP – *Dossiê futebol*. São Paulo, trimestral, nº 22, jun-ago.1994.

RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SARDUY, Severo. *Barroco*. Lisboa, Vega, 1988.